

SEMESTRE.....	5\$000
TRIMESTRE.....	2\$500
NUMERO AVULSO.....	\$200

ESCRITORIO E REDACÇÃO
RUA ALTINO CORREIA N. 37

ANNO I

Florianopolis, 3 de Junho de 1900

N. 10

ILHOTA DA DUVIDA

Pandas as velas, corre á bolina o pequeno batel em que vamos os dois singrando as ondas crespas do mar.

Vento fresco, vanzeiros suaves, ondulando vamos, meo amor, mar em fóra, sem destino!

Seja esta uma viagem eterna:— eu em teos braços, tu em meos braços, numa contemplação infinita de clhares e de sorrisos, ebrios de ventura, esquecidos do mundo que nos cêrca.

Viagem intérmina, mar em fóra! Não mais se avista a orla da terra em que os olhos damnhos nos férem, envenenando o nosso amor, o nosso excepcional amor.

Eterna primavera de felicidades, esta que vamos os dois gozando mar em fóra,—o fragil batel cortando as ondas crespas dos mares.

Garças alvadias cortam agora os espaços, azas abertas, cauda em leque, espiando a nossa felicidade fantastica, em pleno romantismo.

Mão! estamos proximos de alguma terra em meio do oceano... Fita bem, meo amor, com os teos grandes olhos da côr dos teos cabellos, aquella rocha escavada, lá diante, pela prôa do batel veleiro.

... desçamos a terra, que é deserta, como é decerto de duvidas o nosso amor...

... E agora solitário vivo, e me fôges sorrindo, com o teo sorriso ironico, mar em fóra, como se te approximasses deste rochedo para atirarme ao abandono, em pleno mar, perdidamente, tendo apenas por companheiras as garças que ruflam as azas por sobre minha fronte enferma, espiando minha desventura!...

E eu te dizia que este rochedo em pleno mar era deserto, como deserto de duvidas era o teo coração de pomba, hoje transformada em féra!

Como te odeio neste instante, ilhota da duvida, onde meo exilio ha de ser eterno, como eterna era a tua sombra sempre a perseguir me!

... e a tua sombra sempre a me perseguir!

MASANIELLO

O VELHO GUERREIRO

Afastadas das scenas que na vasta arena da vida se desenrolam, viviam em delicioso conchêgo, duas almas puras, embaladas pela dôce lembrança do passado.

Elle, o heroe defensor das institueções de sua patria, jamais deixára de derramar o seu sangue, quando o grito da guerra repercutia pelas vastas serranias e ia morrer no peito de seus filhos.

Côlmo, cheio de resignação e patriotismo, beijava o nosso heroe a sua idolatrada filha e partia para a guerra, onde colhia em cada batalha mais um lauro, que ia ennobrecer o seu consellado peito.

Agora, que as suas forças não lhe permittiam mais empunhar a lança, que sempre fóra a sua arma predilecta, passava os dias em dôce reminscencia dos tempos idos, bemdizendo ao Creador, por ter-lhe dado um anjo puro como a sua honra de velho militar.

Maria, a filha querida, ia crescendo ao seu lado, como a flôr que recebe todos os dias o vivificador beijo do orvalho matutino.

A tarde, quando o sol ia declinando e apresentava no horizonte uma estreita faixa de fogo, ella, a meiga virgem, soltava do alto da collina, onde era edificada a sua vivenda, canticos guerreiros, que em delicioso silencio eram ouvidos com lagrimas nos olhos, pelo seu velho e nobre pae.

A natureza parecia silenciar ás primeiras notas de sua harmoniosa voz. Eram canticos singelos, maviosas canções, que, ao dedilhar da viola, iam morrer nas longinquas quebradas das verdejantes serranias.

Assim passavam as tardes, embalados pela dôce briza, até que a estrella do norte, a ultima que faz parte da Ursa menor, vinha por termo aos hymnos patrioticos, ultimas estrophes em leuvar aos grandes heroes.

A noite, em respeitosa unção, que consola os fleis e os leva á pratica do bem, elevavam as suas orações ao eterno Creador, guia supremo da humanidade.

Ao alvorecer, quando a estrella d'Alva ia perdendo o seu brilho e a aurora surgia com todo o esplendor, novos canticos davam animação ao dia que começava

Lenta e descuidada era a vida que levavam, sempre amenizada pelo mutuo carinho e amor que fruíam, sem se lembrarem que o dia fatal, negro como a tristeza, estava proximo a estender as suas garras aduncas e tragar sem piedade uma daquellas preciosas existencias.

Um dia, depois de certificar-se que a nuvem da morte lhe passára rapida como o relampago pelos seus já amortecidos olhos, o nosso heroe chamou a sua filha e sereno como a propria morte, transmittio-lhe as suas ultimas vontades, exhalando pouco depois profundo e eterno suspiro...

Maria cobrio de lucto o seu coração e ás tardes, quando o sol ja declinando e apresentava no horisonte uma estreita faixa de fogo, entoava canticos guerreiros, ama das vontades de seu velho e nobre pae.

E. T.

ALMA BRANCA

*O inverno é branco... o inverno é frio.
O inverno desce o lençol branco,
e o vento estende-o... tão sombrio!...
O inverno mostra o lençol branco,
e o vento arrasta o, rijo e frio.*

*Desce a poeira das geadas.
Sopram rebeldes as suetadas.
Ao vento asperrimo e sombrio,
gemem as franças enroladas
num lençol branco,
sereno e frio ..*

*Neve de manso... neve de manso...
pulverisando, recortando
no velho monte alvo capuz,
e alva mortalha na campina. .
—Enquanto o sol, em tardo avanço,
na alva escumilha da neblina
vae friorento repontando
á meia luz...*

*Ai, coração frio, marmoreo!
O rijo inverno da descrença
neva-te; e a neve é fria e intensa.
O coração não geme—dorme!
Que nesta nevoa densa e enorme
nem luz ao menos frouxa dóre-o...
Que o coração sem luz, sem crença,
nem geme—dorme.*

*Alma, resurge deste tumulto,
desta frieza gracial!
—A indiferença é um cumulo...
—A fria inercia é um mal...
Alma, não durmas neste tumulto!*

*Porque rolar por esse abysmo,
esse profundo abysmo insonte?
Ergue-te e vê:—borda o horisonte
a luz que espanca o mysticismo,
—esse arco-iris da alliança...*

E o inverno avança... e o inverno avança!

*Que a mesma ave da descrença
fuja, buscando a luz e a vida!
Que numa alacridade immensa
volte,—num ramo de esperança,
alma de neve, alma querida!*

E o inverno avança!... e o inverno avança!...

D. NASCIMENTO

SILHUETAS

Mlle. J. N.

Desde muito tempo já devêra ter figurado em a nossa galeria feminil. Por vezes pennas audaciosas se embeberam em tintas festivas de ricas alvoradas; a inspiração espalhou azas rufando em torno de seo perfil gracioso; fresco papel de linho ringio febril sob o floreo requentado da phrase elegante;—cada penna que se erguia ante a sua silhueta, de typo idéal e caprichoso, tinha de abandonar o posto, receiosa de fazer má figura. Tantas tentativas, quantas evasivas.

Ha typos femininos exquisitos de discernir eom fidelidade e a contento dos muitos exigentes. Foi por isso que Mlle. J. N., que tem um mundo de apreciadores, deixou de figurar até agora em o nosso pequeno grupo de felizardas, ás quaes a natureza se encarregou de dar magnificos e variados retoques na travessia subtil da infancia para a mocidade.

Hoje, emfim, ella apparece n'uma irradiação temeraria de esplendores, resplendorando as columnas d'A Pagina, vindo occupar o seo lugar entre as estrellas de primeira grandeza.

Não que a penna do audacioso escriptor se aparelhasse com mais vigor e felicidade do que essas tantas que por vezes tentaram ser vencedoras e sahiram vencidas. Nada disso! Esta mesma já por vezes teve de abater inerte, subjugada, imprestavel, insignificante. Mas o dever exigia maiores audacias ainda, e desta vez coube por sorte ao infeliz que escreve estas

linhas, perlustrar de uma vez por todas a apothose da bella senhorita, fosse como fosse;—e eis-me aqui a mourejar o pensamento, arrastando a phrase, joelho em terra, pedindo á s. ex. a graça de um olhar, de um sorriso, de uma phrase meiga, que lhe inspire coragem nesta hora angustiosa de verdadeiras forcas caudinas...

Como poderá a penna descrever a subtilesa do seo perfil, si o seo talhe franzino, de uma elegancia rarissima, mais se assemelha á silhueta de uma apparição phantastica?

Corpo esbelto, admiravelmente modelado, formas delicadas, andar elegante de garça, o conjuncto das suas linhas esculpturaes prende logo a attenção de quem a vê, pois sabe dar uns meneios fascinadores ao seu andar e conhece a *manière* do coquetismo que attráe, hoje tão em moda entre as bellezas dos povos os mais civilizados e de bom gosto artistico.

Alva e escarlate, neve rosada, a pelle fina de suas faces tem um brilho de mocidade e frescura digno de uma palheta magistral. Seo rosto, uma miniatura de traços delicados, modelo de busto fino e *mignon*, tem uma feitura que encanta e um matiz setinoso e vivo que causa logo admiração e profunda sympathia.

Dona de uns olhos que chispam settas estonteadoras, de uma bocca delicada e breve, arqueada em til sanguineo, de um rosto brilhante de oleographia de uma conformação bem feliz e pouco vulgar, Mlle J. N. é na expressão verdadeira da phrase —uma moça encantadora.

Vamos, minha senhora, venha de lá um sorriso condescendente e um belle trecho de cythara.

CELIO SENIOR

—><<>—

TRAÇOS A LAPIS

VI

A columna avança!

E o nosso homem, assim fallando, promove a retirada, camoneando a humanidade, não em novos Lusíadas, mas... com o unico olho, que lhe deixou a operação infeliz de uma conjunctivite.

A natureza, entretanto, condescendente e equitativa como sempre, compensa-lhe esse pequeno defeito, que elle dissimula ás vezes com uns antolhos assim em pretensão a demagogo,—dando-lhe ao unico órgão ocular uma potencia dupla.

E' assim que é celebre nas *finuras*..... no bilhar.

O seu physico, característico e unico, alliado á imperturbavel linha recta de seo perfil, dam-lhe uns ares *biscuiticos*, a modo de miniatura marcial.

A columna avança!

E, si a noute ou o dia é de chuva, eil-o a marchar, pontual, ás horas regimentaes de seo programma particular, em direcção a caza

Systematico, como um inglez, tem a exquisitez de annunciar o inverno, trasendo sobre si, aos primeiros arrancos do outomno, a invariavel capa a Pio IX.

Entretanto não se lhe vê nunca nas mãos o appendice hibernal,—o chapéo de chuva.

Os hombros, sempre erguidos em angulo agudo com o pescoço, supportam uma cabeça digna do estudo de um Darwin anthropometro.

Veste-se invariavelmente de preto, em sobrecasaca aspirante a redactor em chefe.

Tem um genio especial e accomodativo para com os seus amigos.

De uma cordura bem humorada, tanto tolera as diatribes do Henrique em bilis, como as formidaveis arengas philosophico-religiosas do Von Eisen.

Já ouvi chamal-o *varêta*, mas parece-me que isso não é verdade, porquanto, si n'elle existe alguma semelhança comica, será talvez com um tico-tico endomingado, segundo o Simone.

Não dança, é celibatario, usa cartola e só a politica parece seduzil-o.

Pretende saber jogar o bilhar e é de uma adoravel amabilidade para com os parceiros, por isso que perde sempre.

Não é um maricas, mas não sei porque estão-lhe sempre a chamar *bibi*.

Ignoro se costuma pintar o sete, mas, segundo um certo militar de grandes bigodes marciaes, si elle não o pinta, joga-o pelo menos regularmente ao dominó.

Si eu fôra estatuario procuraria vasar-lhe o molde, principalmente do busto, para mandal-o a Lombroso, a fim de que elle lhe estudasse a bossa da «elegancia» *anti-veranica*.

A columna avança! e lá segue elle, de braço com o Jorge, a combinar a victoria eleitoral de Santo Antonio.

FABER JUNIOR

SPORT

«A CAÇA NO BRAZIL CENTRAL»

Para aquelles que já sentiram uma vez ao menos essas emoções estranhas, essas escabrosidades excepcionalmente rudes e brutaes porque passa o caçador brasileiro atravez das nossas mattas, galgando chapadas e espinhaços de serros abruptos, barrocas saltando presto e descuidoso, vencendo charcos e alagados, rios vadeando cobertos d'algas e crocodillos, aqui a pinguella de um toro liso de palmeira, ali adiante a retouça entramada do espinheiral cerrado e e-curo, gragoataseiros lastrando o solo por toda a parte, por toda a parte redes de tramas de cipoaes ponteados de mil estrepes lancinantes, rasgando as carnes se o caçador impetuoso vâa rompendo a frente, na cegueira hallucinante do encalço, no *élan* febricitante da investida, impulsionado pelo estrepito do levante, na corrente magnetica dos echos do ganiço de quebrada em quebrada pela matilha implacavel; para os que já tomaram parte nesse prelio de sensações inesperadas e de perigos imprevidos de toda a hora, entre o homem como que brutalizado e a fera acoçada,—o livro de Henrique Silva deve ser uma obra preciosa, cheia de encantos e ensinamentos.

De uma feitura especial, escripto com a maior proficiencia e documentado com as provas mais concludentes de profissionaes notaveis no assum.

pto, *A caça no Brazil Central* é, a meo ver, o primeiro trabalho no genero que apparece em lingua portugueza.

O intelligente e cauteloso escriptor, a par de uma linguagem clara e nitida, ao alcance de todos, revelou estudos profundos da nossa natureza, dos nossos costumes, dos nossos recursos, em confronto com a arte venatoria do estrangeiro, que se leva vantagens pela perfeição das suas armas e pela facilidade dos seus cursos, não possui o pittoresco das nossas paisagens animadoras, nem o tino, nem a coragem, nem o *jarro* dos nossos caçadores. O caçador aborigine aprende a ser forte, a ser atirador, a ir buscar a fera no antro, com os proprios recursos de que dispõe, no meio das nossas mattas bravias, dos nossos sertões inhospitos. Henrique Silva, estudou, observou e experimentou a vida do caçador brasileiro; assimilou aos velhos e defeituosos costumes selvagens, os mais delicados e proveitosos processos da caça dos paizes cultos, apontando diversos sistemas de armamentos, calibres e maneira de carregamento; descreve em seguida a defesa e o ataque aos diversos e multiplos animaes que povoam as nossas florestas, as nossas serras, os nossos campos, as nossas lagoas.

Faz estudos especiaes de cada familia; narra a vida do sertanejo, põe em relevo a sua hospitalidade, conta as suas proesas, enriquece a sua obra de narrativas encantadoras que dão a esse livro um valor inestimavel.

Em 14 capitulos de linguagem castigada, parte scientifica e parte excepcionalmente artistica, *A caça no Brazil Central* é um repositorio de verdades observadas, conhecidas por profissionaes e amadores, mas até agora nunca compendiadas.

Processos facilimos de caçadas para o neophito, revelações de astucias empregadas pelo caçador para apanhar a presa, astucias da presa para se ver livre do caçador, narrativas pittorescas, methodos indispensaveis de aperfeiçoamento, o precioso livro do illustre escriptor, abalisado na materia, por estudos e por factos, a todo o momento nos desperta reminiscencias adoraveis da ingenua, da salutar e da emocionante vida sertaneja — tão simples e tão boa!

Que o trabalho de Henrique Silva, original, unico em sua especie, se recomende pelos seus proprios intuitos, — obra necessaria, imprescendivel — taes são os meus votos.

D N.

NOTAS

Até que emfim! Maio sorrio festivo, se despedindo. Deixou passar seos dias tecendo ventos, soprando lama; afinal se resolveu nos dizer o ultimo adeos por entre risadas de sol brilhante. Ainda bem.

Vamos ver agora como se porta o cavalheiro Junho, com seo capuz de nevoas.

Inverno, velho caôlho e rabujento, vê lá bem! não me arrepies as carnes; não me faças espirrar notas intempestivas, que o meo nariz, outrora tão formoso, andajá mais vermelho que um pimentão, desde essa safarascada de borrascas e sarampadas com que o incorrigivel Maio houve por mal nos ofertar.

Têm um pouco de siso, velho caduco, e vê lá si deixas que os santos nos appareçam risonhos e satisfeitos com os seos fiois. Deixa que a festa do Divino nos illumine com todo o resplendor de sua magnificencia: que S. Antonio, calvo como o nosso amigo Tenorio, venha proteger as namoradas, preso á barra das saias, por devoção, e faça milagres diante da eloquencia do meo responsorio, a ver se me descobre uma nota rica, que nunca perdi, mas que pretendo achar, para nella envolver os meus cada-veres fim de mez...

Que o glorioso S. João Baptista appareça com seo cordeiro manso, a ver se abranda estes povos tão ardorosos, principalmente em vespervas de eleições, e a ver se banha nas aguas lustraes de um baptismo cauteloso as nossas criadas, que andam por ahi a todo o momento a baptisar as nossas chicharas, os nossos pratos, fazendo-os em pedacinhos.

Consente, meo velho, bom sol á nuca desse macrobio interminavel, do carcereiro S. Pedro, chaveiro effectivo do céu, a vêr se o convenço de que me deve conceder um logarzinho na gaiola de ouro das estellas, quando lá fôr descansar um pouco desta fabricação constante de notas sem curso forçado...

Quero sol, muito sol, mas que não derreta a banha do nosso imperador! Ah, isto sim! quero ver o imperador de corôa á cabeça e de pomba na mão.

Quero alegrias, quero bom tempo. Bom tempo aquelle das folias! Era uma folia vêr a caixa rufando nos ouvidos de muito caixa d'agoa, bandeiras nos ventos zebraadas de fitas multicores, pombinha divina circumdada de flores brancas... a moçada toda de meo tempo beijando o symbolico passarinho, cheirando a rosas.

Mas tudo passou; a bandeira se foi, a folia desapareceu, as caixas de rufo seguiram para as cavernas carnavalescos, as violas estão sem cordas, os festeiros metteram a viola no sacco... E porque tudo isso, ceos? — Porque a republica acabou com os imperadores...

E' por isso que o Leocracio vae deixar a vida republicana, e parte breve para a terra do gerimum... Lá, sim, deve haver um imperador menos gordo que o amigo João Bonfante... mas um pouco mais folião...

Desta feita — viste! e só aquella graxa... Si as cadeiras do imperador pousarem na cadeira do throno, a republica ficará firme, inabalavel. Sua Magestade, em assentando o seo augusto corpo na almofada imperial, poderá causar um desthronamento precoce, não compativel com a sua elevada e grave posição de imperador do Divino.

Mas, com o favor de Deus não ha de ser nada, e o imperial senhor descera os degrãos de seo throno, são como um pêro, vendendo gordura, divinizado.

Nota sensacional — «A Pagina» far-se-á representar em todos os festejos, e em commissão especial os srs. Ferro, Abilio e Machado, sempre sollicitos e constrictos, irão depositar uma beijóca na pombinha do illustre imperador.